

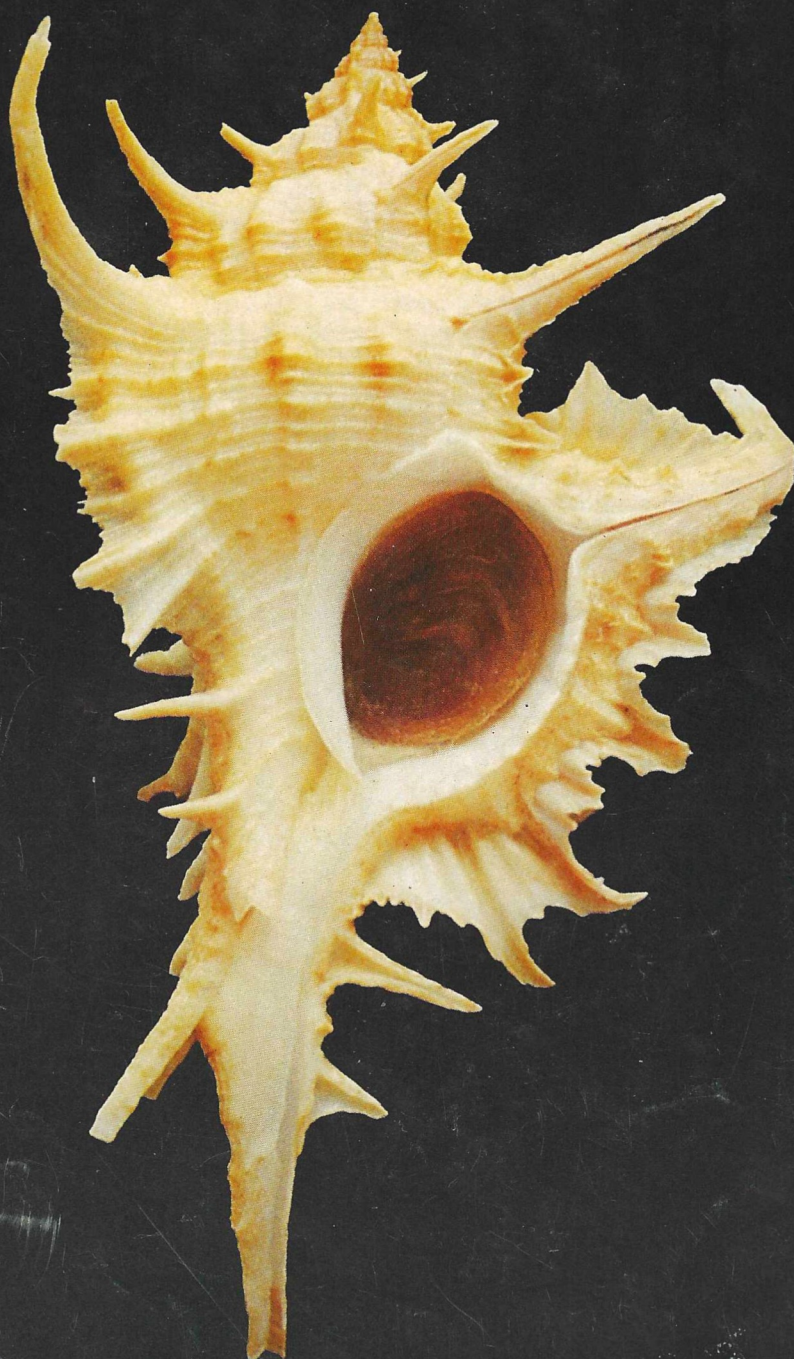
SIRATUS

PERIÓDICO BIMENSAL dos CONQUILIOLOGISTAS do BRASIL
BIMONTHLY JOURNAL of CONQUILIOLOGISTAS do BRASIL

ANO/YEAR I

NOVEMBRO/DEZEMBRO/89/NOVEMBER/DECEMBER

Nº 1



EDITORIAL

Órgão de divulgação dos Conquiliologistas do Brasil, o periódico *Siratus* aparece como novo meio de integração de colecionadores e pesquisadores, brasileiros e estrangeiros.

Com seções fixas e livres, *Siratus* mostrará, de forma agradável, temas relacionados com o maravilhoso mundo conquiliológico. Seções como: COLETANDO, sobre aventuras e coletas emocionantes; COLECIONADORES, perfis de pessoas que têm como passatempo a Conquiliologia; FOTOGRAFIA; FILATELIA, principalmente com relação às conchas nos selos; e outras aliadas a temas especiais ou trabalhos de pesquisa e estudos.

Serão publicadas, ainda, séries especiais de divulgação de malacofaunas. Este número inicia com GASTRÓPODES ENDEMICOS DO BRASIL.

O periódico bilingüe respeitará o direito de liberdade de expressão, não contestando ou contrariando os artigos ou cartas recebidas, embora seus editores possam não concordar com a forma pela qual sejam abordados os temas.

São bem-vindas as colaborações sob a forma de artigos, notícias ou mesmo simples sugestões.

A bilingual publication of Conquiliologists do Brasil, *Siratus* is a new conchological journal conjoining collectors and researchers from Brazil and abroad.

With regular columns and diversified articles, *Siratus* offers in an attractive presentation interesting articles pertaining to the wonderful conchological realm. Regular columns such as Shelling - accounts of exciting shelling adventures; Collectors - a profile of those whose hobby is shells; Photography - of shells, of course; Philately - stamps depicting shells; and diversified articles with stimulating themes and updated researches. *Siratus* will also be publishing special malacofauna series. In this issue one on "Endemic Brazilian Gastropods" is being inaugurated.

On behalf of freedom of speech, *Siratus* itself shall neither counter nor question the articles or letters published in it - even in such cases when it does not agree with them. Your teaming up with *Siratus* with articles and suggestions is most welcome.

José Coltro Júnior
Editor-in-chief



Siratus é uma publicação bimensal bilingüe de Conquiliologistas do Brasil, sediada na Rua Miguel Telles Jr., 53 / 01540 - São Paulo, SP - Brasil / Telefone: (011) 279-9482, para onde as sinaturas, cartas e artigos podem ser enviados.

Editor: José Coltro Júnior
Conselho editorial: Julio Colella e Renato Moscatelli.
Secretaria: Marcus Vinicius Coltro.
Redação, revisão e tradução: Vera Cecília Machline.
Consultores de Malacologia: Prof. Eliêzer de Carvalho Rios (Fundação Universidade de Rio Grande), Profa. Dra. Rosa de Lima Silva Mello, (Universidade Federal Rural de Pernambuco).
Colaboradores estrangeiros: Profa. Dra. Emily H. Vokes e Robert Lipe.
Colaboradores de Fotografia: Silvio F. Bonadia e Sergio Lopes Cominatto.
Fotolitos e Impressão: Antonio A. Nanô & Filho Ltda., Rua Cunha Gago, 181 - 05421 - São Paulo, SP - Brasil.

As opiniões e as idéias expressas nos artigos publicados em *Siratus* são de inteira responsabilidade dos autores. Artigos pertinentes à Malacologia são bem-vindos, mas *Siratus* reserva-se o direito de não publicá-los se assim achar conveniente. Pede-se aos autores que revisem cuidadosamente seus manuscritos e enviem cópias, pois nada será devolvido. As cópias deve ser datilografadas e redigidas em português ou em inglês.

Assinatura e inscrição (a inscrição automaticamente dá direito aos membros a uma assinatura por um ano de *Siratus*):

Brasil	50 BTN's
Exterior (via aérea)	US\$ 30,00
Exemplar avulso	8,5 BTN's / US\$ 5,00
Exemplar atrasado	10 BTN's / US\$ 6,00

Siratus is a bimonthly bilingual publication of Conquiliologists do Brasil, seated on R. Miguel Telles Jr., 53 - 01540 - São Paulo - SP - Brazil / Telephone number: (011) 279-9482 where requests for subscription, letters, and articles may be sent.

Editor in chief: José Coltro Júnior.
Editorial board: Julio Colella and Renato Moscatelli.
Secretary: Marcus Vinicius Coltro.
Edition, revision and translation: Vera Cecília Machline.

Malacology consultants: Prof. Eliêzer de Carvalho Rios (Fundação Universidade de Rio Grande); Profa. Rosa de Lima Silva Mello, Ph. D. (Universidade Federal Rural de Pernambuco).
Foreign collaborators: Prof. Emily H. Vokes, Ph. D. and Robert Lipe.
Photography collaborators: Silvio F. Bonadia and Sergio Lopes Cominatto.
Photolithography and printing: Antonio A. Nanô & Filho Ltda., R. Cunha Gago, 181/ São Paulo - SP - Brazil.

The opinions and ideas in the articles published in *Siratus* are of the authors' responsibility. Articles pertaining to Malacology are most welcome, but *Siratus* secures the right if not publishing them if it believes convenient to do so. Authors are requested to carefully check their manuscripts and send copies, for nothing will be sent back. The copies should be typed and written either in Portuguese or in English.

Subscription and enrollment (enrollment automatically entitles members to a year's subscription of *Siratus*):

Brazil	50 BTN's
Abroad (air mail only)	US\$ 30,00
Single issue	8,5 BTN's / US\$ 5,00
Late issue	10 BTN's / US\$ 6,00

Foto da capa: *Siratus tenuivaricosus* (Dautzenberg, 1927) por Silvio F. Bonadia.

Cover photo: *Siratus tenuivaricosus* (Dautzenberg, 1927) by Silvio F. Bonadia.

Em busca dos Conus

Robert Lipe

Entre os membros do reino malacológico, os conídeos compõem uma família muito querida; porém quando dois colecionadores de conus pretendem conchavar, não raro surgem divergências.

A maioria dos conídeos que tive a oportunidade de coletar foi encontrada enterrada e, às vezes, sobre areia lodosa ou grossa. Como a areia, via de regra, não é compacta, pode-se entender ser esta propícia para que os moluscos consigam enterrar-se, vivendo um pouco abaixo da superfície do fundo. Muitos dos exemplares que encontrei comiam vermes, os quais são a dieta da maioria dos conus, com exceção de algumas espécies do Pacífico, que se alimentam de peixes. Sempre é conveniente lembrar que os conídeos devem ser manuseados com cuidado, já que a sua peçonha pode causar ferimentos graves e, embora mais raramente, pode levar à morte. Portanto, não desafie a sorte ao encontrar um conus.

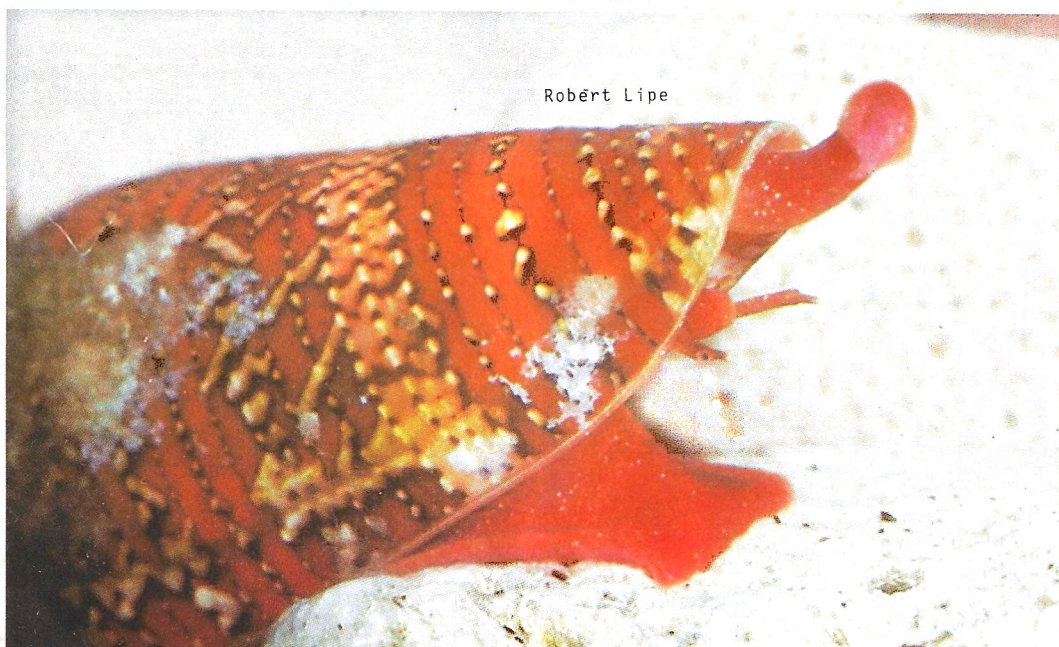
Os conídeos podem ser encontrados à noite ou durante o dia. À noite, porém, é sempre melhor, pois são os primeiros moluscos a emergir da areia. Na Bay Islands, em Honduras, despoitam no ocaso. Em Saint Vincent, nas Grenadinas, Conus mus e regius são encontráveis em pleno sol do meio dia, alimentando-se em área lamosas; C. ermineus passam o dia sob pedras de costões rochosos e C. cedonulli são encontrados à noite. Em outros locais, como Porto Rico, basta o tempo nublar para que os conídeos saiam de seus esconderijos. Quando existem rochas, ocultam-se debaixo delas e frequentemente procuram enterrar-se parcialmente na areia. Quando não existe areia, tornam-se visíveis ao virarem-se as pedras sob as quais estão ocultos, como no caso do C. mayaguensis, na República Dominicana.

In search of Cones

Cones are a popular family in the shell world, but when two cone collectors get together there is usually a difference of opinion. Most of the cones that I have collected lived in or on muddy or coarse sand. The sand was usually loosely packed, so the shells could dig in and live just below the surface. Many of the cones that I found were eating worms. Most cones eat worms with the exception of some of the ones in the Pacific, which eat fish. Be careful when handling cones; they can injure you seriously with their sting, rarely causing death. So, don't tempt fate.

Cones can be found day or night, but night is the best. The cones are the first shells to emerge from the sand. In the Bay Island of Honduras, the cones were out at sundown. In St. Vincent, Grenadines, the Conus mus and regius were out at high noon in the bright sun feeding in the mossy areas, the ermineus were under rocks below the cliffs during the day, but the cedonulli were only found at night. In other areas like Puerto Rico, a cloudy day was enough to bring the cones out. When rocks are present the cones are under them, usually buried slightly in the sand. If there is no sand, then the cones are exposed after turning the rock, such as Conus mayagensis, in the Dominican Republic.

In Hawaii, the Conus pennaceus were partially buried under rocks. Some of the cones were attached to the bottom of the rocks for the purpose of laying eggs. I found this out while turning the rocks, and seeing some of the cones lying upside down. Then I saw the fresh pink eggs attached to the bottom of the rock from where the cone had fallen off. From then on I turned the rocks over slower so that I could spot the egg-laying cones and leave



Conus cedonulli

Linnaeus, 1767

Saint Vincent,

Grenadines

No Havaí, tive oportunidade de encontrar exemplares de *C. pennaceus* parcialmente enterrados em areia abaixo de pedras que tive a curiosidade de virar. Para desovar, alguns deles se acham fixados na face inferior das pedras, desafiando até a lei da gravidade. Notei uma recente desova rosada fixada na face oculta da pedra da qual um exemplar havia se soltado. Após esta descoberta, virei mais pedras com bastante vagar e cuidado, procurando localizar os conídeos que estivessem desovando e deixá-los em paz. Achei também um *C. nussatella* completamente enterrado na areia sob uma pedra. Bastou apenas que afastasse a areia com o abano de minha mão, como se fora um leque, para que ele prontamente surgisse. Num outro local do Havaí, meu filho Ken encontrou dois exemplares grandes de *C. quercinus* perfeitamente visíveis sobre a areia.

Perto de São Domingo, encontrei exemplares de *C. regius* sob pedras exatamente como havia acontecido nas Florida Keys. Num outro ponto, onde existam grandes lajes rochosas, o único modo de obter-se *C. daucus* foi retornar à noite, quando deixavam seus esconderijos debaixo das lajes. A propósito, o mesmo raciocínio vale para *Latirus infundibulum*, que encontrei em abundância. À noite, em Walkers Bay, nas Bahamas, encontram-se grandes quantidades de *C. jaspideus verrucosus* e, numa área com gramineas, coletei um *C. spurius* de três polegadas.

Limpar conídeos não é tarefa fácil. Fervê-los ainda é o melhor procedimento. Podemos também congelá-los. Muitas vezes, parte do animal permanece na concha e deve ser removida com jatos de água. Se possível, evite preservar o animal no álcool, porquanto será muito difícil retirá-lo depois. Caso, você somente disponha de álcool para preparar suas conchas, sugiro que as deixe apenas durante o período de um dia. Posteriormente, remova o animal com a ajuda de um instrumento dentário ou mesmo de um simples arame.

Resumindo, conídeos são disponíveis 24 horas por dia, porém o melhor período para encontrá-los é à noite. Entretanto, se você tem alguma prevenção contra mergulhos noturnos, vire pedras, abane areia e colete seus conídeos.

Quando as conchas não estiverem em bom estado, o melhor é deixá-las para procriação, exceto quando se tratar de espécies raras. Alguns de meus melhores amigos são colecionadores de conídeos.

Robert Lipe, 53 (440 - 75th Avenue - St. Petersburg Beach, Florida 33706 - U.S.A.) É proprietário de uma das melhores lojas de conchas da Florida: The Shell Store. Excelente fotógrafo, tem trabalhos publicados em vários livros. Bob também é um apaixonado por marginellas.

owns one of best shell stores in Florida: The Shell Store. Excellent photographer, his works have been published in many books. Bob is especially fond of marginellas.

them alone. I found a *Conus nussatella* buried completely in sand under a rock. I just fanned the sand and it appeared. In another area on Hawaii, my son Ken found two large *Conus quercinus* in plain view on top of the sand.

Near Santo Domingo, *Conus regius* were under rocks exactly like in the Florida Keys. In another area where there were very large slabs of rock, the only way to get The *Conus daucus* was to go at night when they would come out from under the edge of the slabs. *Latirus infundibulum* also came out. At night in Walkers Bay, Bahamas, the *Conus jaspideus verrucosus* were plentiful and in a grassy area I found a 3 inch *spurius*.

Cones are not easy to clean. Boiling is about the best way. Freezing is alright except sometimes part of the animal will remain in the shell, so it will have to be rotted out in water. If at all possible don't try to preserve the animal with alcohol for it will be difficult to remove it after you get home. If alcohol is the only way you have to prepare your shells, just put them in overnight or for just one day; then remove the animal with a piece of wire or dental tool.

In conclusion: cones are everywhere. The best time to find them is at night; but if night diving bothers you, then turn some rocks, fan some sand and pick up those cones. If they are in poor condition, leave them, unless they are rare. Some of my best friends are cone collectors.

CONCHAVO

Esta coluna está reservada para o uso exclusivo dos leitores de Siratus. Aqui você poderá dar suas opiniões e sugestões, solicitar correspondentes e conchas, trocar idéias, pedir informações e falar de conchas.

This column is saved for exclusive use of Siratus' readers. You may here give your opinions and suggestions, make yourself known, ask for correspondents and shells, exchange ideas, request information, and talk about shells.

Renato Moscatelli, rua Gracindo de Sã, 39, 01443, São Paulo, SP, Brasil, necessita de Polyplacophoras (Chitons) de toda a América do Sul. (Mr. Moscatelli needs Polyplacophoras from anywhere in South America).

COLECIONADORES

collectors

Julio Colella, 64 anos, paulista da Capital, tem quatro filhos e quatro netos. Presidente dos Conquiliologistas do Brasil e membro, desde a sua fundação, da Sociedade Brasileira de Malacologia, Colella é um dos mais antigos conquiliologistas do Brasil, chegando até ser chamado de "decano" dos colecionadores. Autodidata, pesquisa em todas as horas livres a sua grande paixão: microconchas. Embora esteja aposentado há vários anos, continua trabalhando, atualmente na área administrativa de uma empresa. Siratus foi entrevistá-lo:

Siratus. Quando e por que começou a colecionar conchas?

Colella. Em 1965, por ocasião de minhas férias em Santos e São Vicente (no estado de São Paulo). Meus filhos, que naquela época eram bem jovens, e eu íamos à praia, onde coletávamos as conchas deixadas pelo mar na areia. A gente se divertia, e muito. Foi assim que comecei a simplesmente juntar conchas, que eram acondicionadas desordenadamente em caixas de papelão. Já nesta fase "primitiva" contei com o incentivo da minha família, de amigos e de parentes.

S. O que mais atrai nas conchas?

C. As formas, as cores e a beleza que elas têm a nos mostrar.

S. Quais são as famílias de que mais gosta?

C. Pectinidae, Cardidae, Veneridae, Mytilidae, Cypraeidae, Conidae, Muricidae e Cymatidae embora admire e coleccione todas as outras famílias.

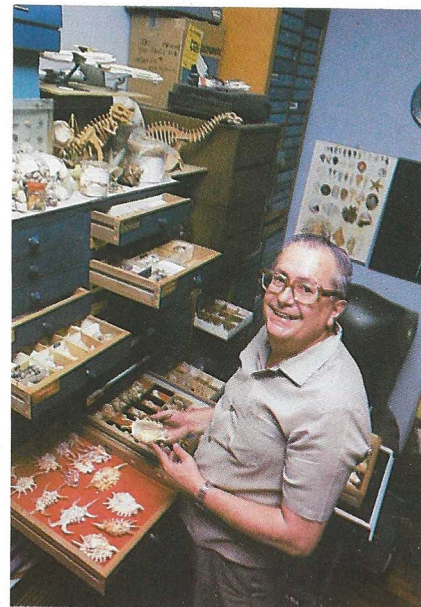
S. Como organiza sua coleção?

C. Minha coleção está bem classificada; está separada por famílias em gaveteiros individuais, um para cada família. Na minha opinião, ela está bem organizada. E, agora estou até pensando em acumular os registros da coleção num computador para agilizar a manipulação dos dados.

S. Qual foi sua coleta mais emocionante?

C. A mais emocionante e farta foi em 71, na companhia dos amigos José Roberto Heise e Luis Alonso Ferreira. Estávamos na praia de Boracéia, Bertioga. Naquela oportunidade o mar deixou uma quantidade enorme de conchas na areia, fato que, atualmente, ocorre com raridade em muitas praias do litoral paulista. Além daquela, há também as "coletas" gostosas que vez ou outra fazemos na casa dos amigos.

S. Quais são as cinco espécies favoritas da sua coleção?



Angelo Colella.

Julio Colella, 64, "paulistano" (that is born in São Paulo city) has four sons and four grand-children. President of Conquiliologistas do Brasil, and member of the Sociedade Brasileira de Malacologia since its foundation, Mr. Colella is one of the eldest conchologist in Brazil. As a matter of fact, he is considered the dean of Brazilian shell collector. A self-taught conchologist, he researches in his free time his greatest passion: microshells. Although he has retired some years ago, he is still working, presently, in the management of an enterprise. Siratus interviewed him:

Siratus. When and why did you begin to collect shells?

Colella. In 1965, when I was spending my vacation in Santos and São Vicente (in the state of São Paulo). My children, who at that time were very young, and I went to the beach, where we beach combed the shells left by the sea on the sand. We had fun, and lot of it. That was how I started to simply accumulate my shells, which were kept in cardboard boxes. Already at this "primitive" stage I was incentivated by my family, friends and relatives.

S. What attracts you most in shells?

C. The shapes, colors and beauty that they have and exhibit to us.

S. Which are the families that you like most?

C. Pectinidae, Cardidae, Veneridae, Mytilidae, Cypraeidae, Conidae, Muricidae and Cymatidae, although I admire and collect all the other families.

C. Murex spectrum, Nautilus pompilius, Pecten maximus, Conus gloriamaris e Pinna nobilis.

S. Cite cinco espécies que gostaria de ter na sua coleção?

C. Cypraea aurantium, Nautilus macromphallus, Spondylus linguaefelis, Conus bengalensis, e Pleurotomaria atlantica.

S. Qual é o lugar do mundo que o sr. gostaria de coletar?

C. A pergunta deveria ser quais os lugares onde eu adoraria coletar: em primeiro lugar, as Filipinas; em segundo, a Austrália; e em terceiro, Porto Amélia, em Moçambique, em companhia de meu estimado amigo Manuel Souza e Silva.

S. O sr. tem alguma concha que lhe é a mais querida de todas?

C. Sim, tenho uma concha mascote, que foi a primeira em minha coleção; é uma Cypraea lurida, que pertenceu ao meu avô.

S. Se um dia o sr. desistir de colecionar, qual o fim que daria a sua coleção?

C. Esta possibilidade atualmente está afastada, pois já existe um pretendente que sempre me pergunta: "Vovô, vamos mexer na NOSSA coleção?"



LEONARD C. HILL
10501 S.W. 102 Avenue
Miami, Florida 33176
(305) 271-0650

QUALITY WORLD WIDE SHELLS
FREE LISTS! Florida-Caribbean Specialists
BUY - SELL - EXCHANGE

The best in Cones, Murex, Miters, Olives & Cypraea

— for quality and service —

THOMAS HONKER
SPECIMEN SHELLS

615 Wiggin Road, P.O. Box 1011
Delray Beach, Florida 33447-1011
Off: (407) 276-9658 Res: (407) 265-2915

Worldwide rarities in Cones, Cowries, Volutes, Murex,
Miters—now over 3000 species in stock—Marine/Land
Write for FREE LIST HMS-ISGS BUY/SELL/TRADE

GASTRÓPODES ENDÊMICOS DO BRASIL

A partir deste número, estaremos publicando em nosso periódico trabalhos sobre espécies gastrópodes endêmicas do litoral brasileiro. Seleccionamos sessenta espécies com essa característica, com base nos livros Seashells of Brazil, de E.C. Rios, 1985 e American Seashells, de R. Tucker Abbott, 1974.

S. How do you organize your collection?

C. My collection is quite well classified: it is separated by families in individual drawers, one for each family. In my opinion it is well organized. And now I am even thinking of storing my records in a computer to fasten my data handling.

S. Which was your most exciting shell harvest?

C. The most exciting and plentiful harvest was in 71, in the company of my friends José Roberto Heise and Luiz Alonso Ferreira. We were in Boracea Beach, in Bertioga. On that day the sea left a great quantity of shells on the sand, something that, nowadays, rarely occurs in many beaches in the coast of São Paulo state. Besides that one, there are also the fun "harvests" that we sometimes do in our friends' houses.

S. Which are the favorite species in your collection?

C. Murex spectrum, Nautilus pompilius, Pecten maximus, Conus gloriamaris, and Pinna nobilis.

S. Name five species you would like to have in your collection?

C. Cypraea aurantium, Nautilus macromphalus, Spondylus linguaefelis, Conus bengalensis, and Pleurotomaria atlantica.

S. Which place in the world would you like to go and shell?

C. The question should be what are the places I would love to shell. In the first place, in the Philippines; secondly, in Australia; and, in the third place, Porto Amélia in Mozambique, enjoying the company of my dear friend Manuel Souza e Silva.

S. Do you have a shell that is the dearest of all?

C. Yes, I have a mascot shell, which was the first in my collection; it is a Cypraea lurida, which used to belong to my grandfather.

S. If one day you give up your collection what destiny would you give to it?

C. This possibility is ruled out for there is already a candidate to it who often asks me "Grandpa, let's have a look at OUR collection?"

ENDEMIC GASTROPODA OF BRAZIL

Starting this issue, we will be publishing in our periodicals works on endemic gastropoda species of the Brazilian coast selected based upon the books Seashells of Brazil by E.C. Rios, 1985 and American Seashells by R. Tucker Abbott, 1974.

Siratus tenuivaricosus (Dautzenberg, 1927)



S. tenuivaricosus Dautz. - Itaparica Is., Bahia



S. tenuivaricosus Dautz. - Baía de todos os Santos, Salvador, Bahia



S. tenuivaricosus Dautz. - off Santos, São Paulo



S. tenuivaricosus Dautz. - Itaparica Is., Bahia
forma "melanística" ("melanistic form")

Siratus tenuivaricosus (Dautzenberg, 1927)

Descrição: Concha fusiforme ampla, de coloração creme com manchas marron difusas, algumas vezes concentradas ao lado das costelas axiais; alcança 110 mm de comprimento. Espira alta e aguda, com sete a oito voltas convexas, último anfracto amplo. Três varizes por volta, cada uma ostentando três espinhos: um muito longo e curvado para trás, na margem do ombro e dois curtos, abertos e de formato triangular, na altura do canal sifonal. Lâminas varicais amplas e frágeis, desde a sutura até o maior espinho, e de lá até a base do canal sifonal. Duas ou três costelas axiais intervaricais, nodulosas e irregulares. Ornamentação espiral constituída por quatro ou cinco cordas principais e numerosas secundárias. Abertura ampla, de contorno oval, polida e de cor branca a rosa pálido. Lábio externo ereto e denticulado, lábio interno refletido e aderido sobre a região parietal, ostentando dois a quatro denticulos em sua porção anterior. Canal sifonal curvado para a direita, amplo, de tamanho moderado, com abertura estreita ao longo do lado direito da face ventral. Opérculo unguiculado, com núcleo subapical e linhas de crescimento delicadas.

Description: Ample fusiform shell, yellowish-white with brown diffused spots, sometimes concentrated beside the axial costellae. It may reach a length of 110mm. High and sharp spire, with seven to eight convex whorls. The body whorl is ample. Three varices per whorl, each one with three spines: one very long and curved backwards in the shoulder of the ultimate whorl, and two shorter ones, open and triangular, in the siphonal canal. Developed and fragile varical laminae, from the suture to the largest spine, and from there to the base of the siphonal canal. Two or three intervarical axial costellae, which are nodulose and irregular. Spiral ornamentation with four main cords intermediated by secondary threads. Ample, oval, shiny, and white to pale rose colored aperture. Straightening out and denticulated external lip; internal lip reflected and adhered over the parietal region. The latter bears two to four denticles in its anterior portion. Siphonal canal curved to the right; it is rather broad but of moderate size and has a narrow aperture along the right margin of its ventral side. Unguiculated operculum, with a subapical nucleus and delicate growth lines.



Distribuição Geográfica: Ocorre entre os estados da Bahia e Santa Catarina.

Geographical Distribution: This species occurs between the Brazilian states of Bahia and Santa Catarina.

Habitat. Encontrado em fundo arenoso, entre 30 e 60 metros.

Habitat: Found in sandy bottoms, between 30 and 60 meters.

Sinonímia/Synonymy:

Murex calcar Kiener, 1842

Chicoreus carioca E.H. Vokes, 1968

Bibliografia /Bibliography:

ABBOTT, R.T. & DANCE, S.P., 1982. Compendium of Seashells. E.P. Dutton Inc.

CLENCH, W.J. & FARFANTE, I.P., 1945. "The Genus Murex in the Western Atlantic". Johnsonia 1(17): 1-58.

RADWIN, G.E. & D'ATTILIO, A., 1978. Murex Shells of the World. Stanford University Press.

RIOS, E.C., 1985. Seashells of Brasil. Fundação Cidade do Rio Grande, Fundação Universidade do Rio Grande, Museu Oceanográfico.

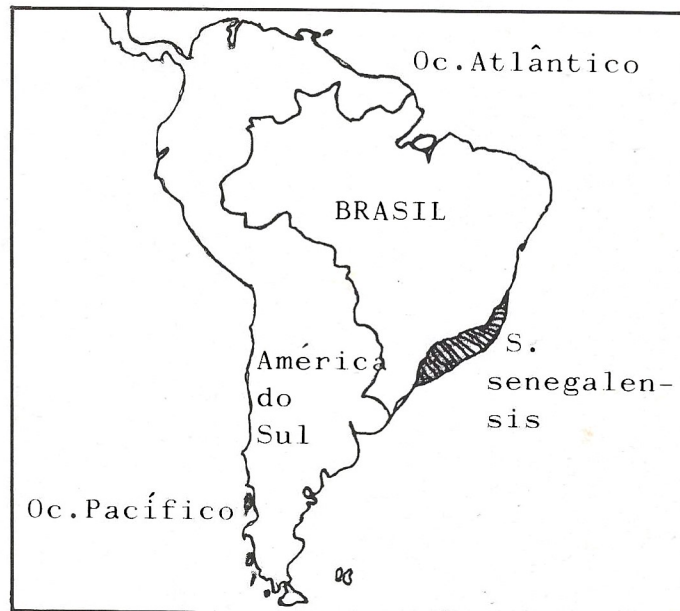
Siratus senegalensis (Gmelin, 1790)

Descrição: Concha fusiforme de coloração creme, amarela ou marrom, podendo apresentar bandas espirais mais escuras. Chega a alcançar 75 mm de comprimento. Espira alta e aguda, com sete voltas convexas e última volta ampla. Três varizes por volta, cada uma ostentando três espinhos: um, mais desenvolvido e curvado para trás, na margem do ombro; dois menores, na altura do canal sifonal. Alguns espécimes que vivem em águas calmas desenvolvem lâminas franjadas no bordo das varizes. Duas ou três costelas axiais intervaciais estão presentes. Ornamentação espiral constituída por numerosas cordas irregulares e linhas intermediárias. Abertura ampla, de contorno circular, polida e de cor branca a marrom. Lábio externo ereto e fracamente denticulado; lábio interno refletido e aderido sobre a região parietal, ostentando oito denticulos em sua porção anterior. Canal sifonal suavemente curvado para a direita, amplo e de tamanho médio para o gênero, com abertura estreita ao longo do lado direito da face ventral. Opérculo unguiculado, com núcleo subapical e linhas de crescimento bem marcantes.

Description: Fusiform shell whose color varies: it may be yellowish-white, yellow or brown, sometimes with darker spiral bands. It may reach a length of 75 mm. High and pointed spire with seven convex whorls; its last body whorl is quite ample. Every whorl has three varices with three spines, each one, quite developed and slightly bent backwards, on the margin of the shoulder; two smaller ones on the siphonal canal. Some specimens living in calm waters develop fringed laminae in the margin of the varice. Two or three intervallic costellae are also present. Spiral ornamentation consists of numerous irregular cords intermediated by finer threads. Broad circular aperture, glossy and ranging from white to brown. External lip straight and slightly denticulated; internal lip reflected and adhered to the parietal region and exhibiting eight denticles in its anterior portion. Siphonal canal slightly bent to the right, quite broad and of medium size for the genus, with a narrow aperture along the right of its ventral side. Ungulate operculum, with subapical nucleus and conspicuous growth lines.

Distribuição geográfica: Ocorre entre os estados de Espírito Santo e Santa Catarina. A ocorrência no Senegal, conforme Gmelin, não deve ser considerada, pois esta espécie é endêmica do litoral brasileiro.

Geographical distribution: It occurs between the Brazilian states of Espírito Santo and Santa Catarina. Gmelin's record of this species in Senegal should be disregarded because this species is endemic of the Brazilian coast.



Habitat: Encontrado em fundo arenoso ou arenolodoso, desde a zona intertidal, onde é raro, até a profundidade de 46 metros.

Habitat: Found in sandy or sandy mud bottoms, from the intertidal zone, where its occurrence is rare, to depths of 46 meters.

Sinonímia/Synonymy:

Murex costatus Gmelin, 1790

Murex brasiliensis Sowerby, 1834

Murex sirat Orbigny, 1841

Bibliografia / Bibliography

ABBOTT, R. T. & DANCE, S. P., 1982. Compendium of Seashells. E. P. Dutton Inc.

CLENCH, W. J. & FARFANTE, I. P., 1945. "The Genus Murex in the Western Atlantic". Johnsonia 1(17): 1-58.

RADWIN, G. E. & D'ATTILIO, A., 1978. Murex Shells of the World. Stanford University Press.

RIOS, E. C., 1985. Seashells of Brasil. Fundação Cidade do Rio Grande, Fundação Universidade do Rio Grande, Museu Oceanográfico.

SOWERBY, G. B., 1879. Thesaurus Conchyliorum, or Monographs of Genera of Shells. Monograph of the Genus Murex. L. P. Burnay Publisher, 1983.

Siratus senegalensis (Gmelin, 1791)



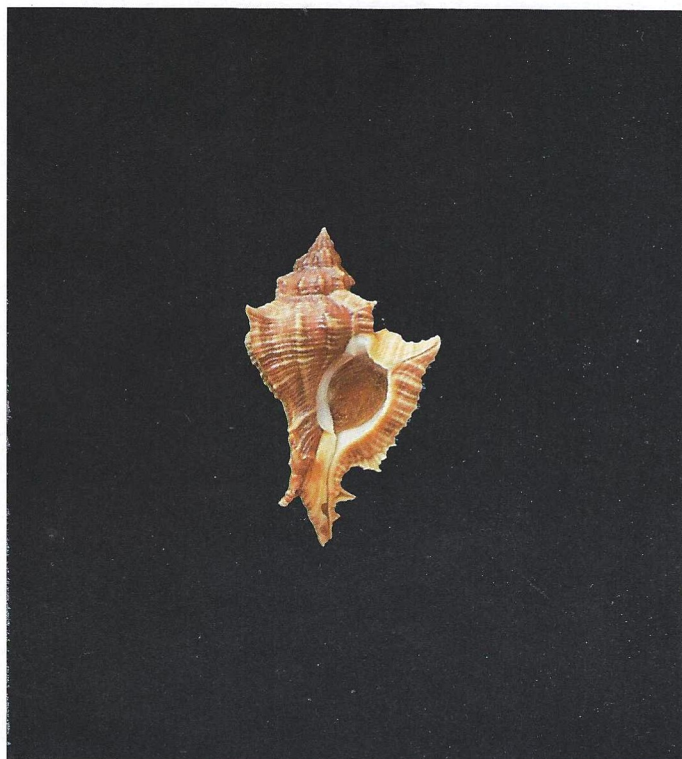
S. senegalensis Gmelin - Ilhabela, São Sebastião, São Paulo



S. senegalensis Gmelin - off Rio de Janeiro



S. cf. senegalensis Gmelin - Guarapari, Espírito Santo - variação? (variation?)



S. senegalensis Gmelin - Guarapari, Espírito Santo

FOTOGRAFIA

Silvio Bonadia

Um pouco de arte não faz mal (nem aos olhos nem à ciência)

Quando da concepção do periódico *Siratus*, pensou-se numa seção dedicada exclusivamente à fotografia (é claro, de conchas). Afinal de contas, é indiscutível a importância da fotografia na Conquiliologia.

Todavia, por que a fotografia de conchas não pode ser concebida como um recurso visual mais atraente do que aquelas simplórias e repetitivas imagens que normalmente vemos em congressos, encontros, exposições, revistas e mesmo na maioria dos livros sobre o assunto? Refiro-me àquelas imagens que, não raro, exibem conchas dispostas com rigor geométrico num fundo estéril; que sugerem uma objetividade científica extrema e limitam qualquer possibilidade estética ou pictórica. As conchas mais parecem artigos de um catálogo comercial do que aquilo que de fato são: construções escultóricas fornecidas pela natureza, com forma, cor e beleza incomuns.

Assim, a proposta inicial desta seção é convidar o leitor de *Siratus* a ter uma visão mais apurada ao fotografar conchas. Não se pretende desconsiderar os moldes atuais da fotografia com fins científicos. Aliás, tal pretensão seria absurda, pois eles são indispensáveis e insubstituíveis. Tenciona-se, isto sim, lembrar que se pode fotografar conchas sem necessariamente segui-los rigidamente.

Mas antes de atingir esta etapa, é essencial ter-se certo conhecimento técnico de fotografia. Em vista disso, *Siratus* propõe fornecer um curso básico de fotografia nos próximos números. Este curso procurará passar ao leitor princípios fundamentais de fotografia e dicas úteis para que ele possa realizar boas fotografias, lograr uma sensibilidade estética e, até mesmo, criar um estilo individual de fotografar conchas, como H. Landshoff (em *The Shell*) e A. Feininger (em *Shells: Forms and Designs of the Sea*) desenvolveram maravilhosamente.

Em suma, simplesmente proponho que procuremos uma maior elaboração em nossas próximas imagens, fazendo assim justiça à sofisticação estético-visual da obra arquitetônica realizada por estes fantásticos moluscos.

PHOTOGRAPHY

A bit of art should not do much harm (either to the eye or to science)

When *Siratus* was first conceived, its staff agreed on holding a section dedicated exclusively on photography (obviously, of shells). After all, photography in Conchology is of great import.

However, why cannot the photography of shells be envisioned as a visual aid more attractive than those plain and commonplace images we usually see in congresses, meetings, exhibits, magazines, and even in most books on the subject of shells? I am referring to those images which quite often have shells set in a rigorously geometric display on a barren background; which suggest an extreme scientific objectiveness and belittle any aesthetic or pictorial possibility. The shells seem articles in a commercial catalogue instead of what they actually are sculptural constructions granted to us by nature, with exquisite form, color, and beauty.

Thus, the initial proposal of this section is to invite *Siratus* readers to have a more careful look while photographing shells. I do not mean to disregard present scientific standards of photography. Such pretense would be absurd, for they are both necessary and indispensable. Nonetheless, I intend to remind conchologists that they can make pictures of shells without necessarily following them strictly.

But before being able to this, it is essential to have technical knowledge of photography. Taking this into account, *Siratus* proposes to supply a basic course on photography in the coming issues. This course is designed to provide readers with fundamental photographic principles and helpful hints so that they may take good pictures, achieve an aesthetic sensibility, and even create an individual style in photographing shells, as H. Landshoff (in *The Shell*) and A. Feininger (in *Shells: Forms and Designs of the Sea*) have wonderfully developed.

In short, I simply propose we seek a greater enrichment in our next images, thus doing justice to the aesthetic and visual sophistication of the architectural accomplishments of these amazing mollusks.

Silvio F. Bonadia, 30 anos

Av. Monte Celeste, 140

02561 - São Paulo, SP - Brasil

Fotógrafo profissional, dono do Photogênese Atelier. Realizou trabalhos no Brasil e no Exterior. É colaborador de fotografia em *Siratus*. Owner of the Photogenesis Atelier, he is a professional photographer and has worked in Brazil and abroad. He is one of *Siratus* photography collaborators.



TED KALAFUT'S
CARIBBEAN SPECIMEN SHELLS

11630 Indian Rocks Rd, #102
Largo, Florida 34644

Ken
(813) 595-7471

Ted
(813) 593-1259

NOSSO PERSISTENTE SIRATUS TENUIVARICOSUS

Marcus Vinicius Coltro

Hã cerca de quatro anos, eu e meu irmão recebemos de nosso grande amigo Bernardo Linhares, de Salvador, um *Siratus tenuivaricosus* (Dautzenberg, 1927) para nossa coleção. Ele já havia avisado que, para variar, ele não havia limpado a concha. Ao abrimos o saco plástico constatamos que o animal ainda estava vivo. Embora fosse um belo exemplar, resolvemos colocá-lo em nosso aquário. E até hoje ele está lá. Mudamos de aquário e água várias vezes. Tivemos os tradicionais problemas de água apodrecer, super-aquecer e quase congelar durante o inverno. Mas o bichinho resistiu a tudo. E bem! Ele cresceu dois estágios. Aliás, para crescer ele se enterrava no cascalho, e aparecia só depois de findo o processo.

Comeu de tudo, como *Astraea tecta olfersii* (Philippi, 1846); *Anomalocardia brasiliiana* (Gmelin, 1791); *Semele proficua* (Pultney, 1799); *Chione subrostrata* (Lamarck, 1818); *Ventricolaria rigida* (Dillwyn, 1817); *Bursa corrugata* (Perry, 1811); *Phyllonotus oculatus* (Reeve, 1845) e, para nosso desespero, exemplares exóticos que tínhamos em nosso aquário, como *Melongena corona* (Gmelin, 1791); *Busycon contrarium* (Conrad, 1840); e *Mercenaria mercenaria* (Linnaeus, 1758). Deixou de lado apenas a nossa *Pleuropoca gigantea* (Kiener, 1840). Provavelmente por ser indigesta!

Para nossa alegria, após colocarmos outro *Siratus* no aquário, nosso velho, ou melhor, nossa velha amiga desovou. A única coisa que nos deixa meio curiosos é o fato de que seu companheiro seria supostamente um *Siratus senegalensis* (Gmelin, 1791)!



S. tenuivaricosus Dautz.
desovando no aquário
(*Siratus* spawning in an aquarium)

OUR RESILIENT SIRATUS TENUIVARICOSUS

About four years ago, our friend Bernardo Linhares, who lives in the city of Salvador, gave me and my brother a *Siratus tenuivaricosus* (Dautzenberg, 1917) to be included in our shell collection. On that occasion he advised us that as it is his habit he had not had time to clean the animal out of its shell. Later on upon opening the plastic bag where it was being kept we were surprised to find out that the mollusk was still alive. Despite the gem quality of the shell, instead of storing it in our cabinet, we decided to put it in our aquarium.

And it has been there ever since. We had to change several times not only tanks but also its contents. Moreover, more than once the water either overheated or cooled too much. Nevertheless, our resilient pet survived it all. And well! It has grown two stages bigger. By the way, during its growing process, it burrowed in the bottom of the tank and it only reappeared after the growth had been fully completed.

Voraciously, it has feasted on all our pet mollusks such as *Astraea tecta olfersii* (Philippi, 1846); *Anomalocardia brasiliiana* (Gmelin, 1791); *Semele proficua* (Pultney, 1799); *Chione subrostrata* (Lamarck, 1818); *Ventricolaria rigida* (Dillwyn, 1817); *Bursa corrugata* (Perry, 1811); *Phyllonotus oculatus* (Reeve, 1845) and, to our despair, even the exotic specimens we happened to eventually have in our tank, such as *Melongena corona* (Gmelin, 1791); *Busycon contrarium* (Conrad, 1840); and *Mercenaria mercenaria* (Linnaeus, 1758). It left untouched, however, our *Pleuropoca gigantea* (Kiener, 1840) for apparently no special reason whatsoever.

Furthermore, to our surprise, after we had included a second *Siratus* in its tank, our resilient gourmand spawned. But there is something odd there for our pet's recent friend is supposed to be a *Siratus senegalensis* (Gmelin, 1791)!

Marcus Vinicius Coltro, 25 anos

Rua Miguel Telles Jr., 53

01540 - São Paulo, SP - Brasil

Administrador de empresas, atual curador de uma das maiores coleções privadas de conchas do país. Membro fundador da Conquiliologistas do Brasil, é ainda membro da Sociedade Brasileira de Malacologia e dos Conchologists of America. is a business administrator. Presently he is curator of one of the biggest private shell collections in Brazil. Foundation member of Conquiliologistas do Brasil, he is also member of the Sociedade Brasileira de Malacologia and Conchologists of America.

COLETANDO: ARUBA

CONTAMINADOS PELO VIRUS

Ricardo Guerrine

Sempre gostei de conchas, principalmente das encontradas nas praias. Tenho em minha lembrança que, quando ia para alguma praia era um "catador" de conchinhas.

Foi assim que aconteceu a minha infecção crônica e progressiva a que denomino "conchite". Enfermidade extremamente agradável, progressiva e cuja melhora só acontece com uma boa coleta, compra ou doação de conchas, por parte de amigos também contaminados!

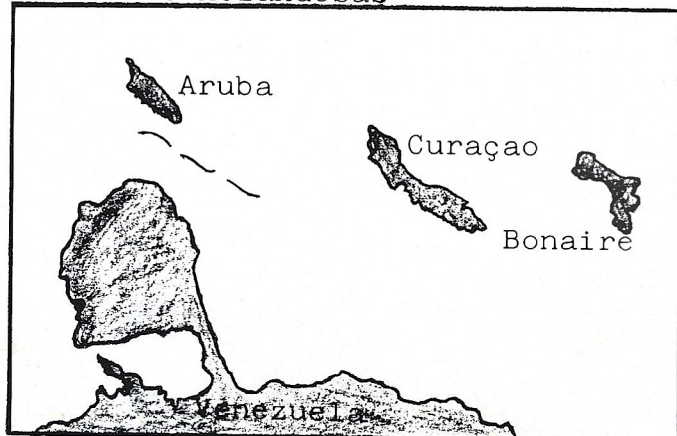
Há aproximadamente dez anos, quando em Livorno, na Itália, entrei pela primeira vez numa loja de conchas. Fiquei pasmado com as *Xenophora*, *Tibia* e *Murex*. Meus horizontes se ampliaram... antes apenas especialista em valvas únicas e roladas de bivalves. Ainda quando na Itália, ao saborear um delicioso risoto, encontrei cinco exemplares com as duas valvas de *Venus verrucosa* (võngole). Minha doença, inevitavelmente, progrediu.

Durante os nove anos que se seguiram, apenas adquiri um ou outro exemplar, quando encontrados ao acaso em alguma loja.

Quando me casei, há aproximadamente um ano, meus planos de lua-de-mel incluíram Fernando de Noronha; e, para tal, as reservas foram feitas com antecedência de um ano. Que lástima, dois meses antes de minha viagem, o governo do Brasil impediu o acesso ao arquipélago. Pânico geral! Aonde ir? Surgiu como opção Aruba, nas Antilhas Holandesas, no Caribe. Imediatamente, em três semanas fizemos curso de mergulho livre e autônomo no Projeto Acqua, em São Paulo. Continuava pensando no progresso de minha doença...

Tive o cuidado de fazer alguns mergulhos ainda no Brasil, no litoral paulista, para que fossemos nos acostumando com a limitada visibilidade.

Antilhas Holandesas



Netherlands Antilles

SHELLING: ARUBA contaminated by the virus

I have always liked shells collected in beaches. In fact, ever since I went to a beach for the first time, I have been a beach comber specialized in shells.

From then on a chronic and progressive infection called "conchits" has afflicted me. It is a very pleasing sickness. Although progressive, it slows down with satisfactory shelling, shell purchase or shell donation by friends contaminated by the same disease.

About ten years ago I visited for the first time a shell shop in Livorno, Italy. I was astounded by the *Xenophora*, *Tibia* and *Murex*. My knowledge of shells immediately improved. Until then I had been an expert in disjoined and washed ashore valves of bivalves. Still in Italy I collected in a delicious risotto five bivalved *Venus verrucosa*. My disease inevitably progressed.

In the following nine years I occasionally bought one or two shells when I happened to find them by chance in a store.

Last year I got married and our honeymoon plans included Fernando de Noronha, an archipelago in the northeast of Brazil. We made reservations almost a year in advance but just two months before departing the islands were shut down. Were could we go? An alternative was Aruba (Netherlands Antilles), in the West Indies. In three weeks' time we did a diving course in Projeto Acqua, in São Paulo city, and got properly licensed. Now, at last, my disease could progress adequately.

Before traveling to Aruba we practiced our recently acquired underwater skills in the seacoast of São Paulo state, where we got used to the limited water visibility in the southern coast of Brazil.

Aruba is a small elongate island: its leeward southwestern side offers calm and translucent water. Jumping into the water, I and Gracy, devoid of wet suits, found the water temperature most agreeable and comfortable. The water visibility was 40 m. Unbelievable!

Aruba is a small elongate island: its leeward southwestern side offers calm and transparent diving and snorkeling spots. The longest beach in the island stretches in this same side. It houses the major hotels and the best local diving organization (Pelikan Watersports), right in front of the Holiday Inn.

First we took a snorkeling tour in a catamaran. The large quantity of corals upsets the shelling for their beauty is very distracting. Since I was a beginner, I had many difficulties to face. For one thing, the shells were not exposed for immediate picking up. We found *Thais deltoidea* and some limpet shells. True carpets (or beds) of *Brachiodontes modiolus* called our attention.

Ricardo e Gracy Guerrine
Aruba
(Foto/Photo: R. Guerrine)



Já em Aruba, tomamos contato com as cocolishi, ou seja, concha na língua nativa. A temperatura da água era ótima e confortável mesmo para quem mergulhava sem roupa especial. A visibilidade era inacreditável: 40 metros!

Aruba, pequena ilha alongada, com o sudoeste abrigado, águas calmas e transparentes. Deste mesmo lado da ilha está a maior praia, onde se localizam os principais hotéis e a melhor organização de mergulho: Pelikan Watersports, mesmo em frente ao Hotel Holiday Inn.

De início, fizemos uma saída de mergulho livre, em um catamaran. A quantidade de corais era tanta que atrapalhava a coleta e distraía nossa atenção devido à sua beleza. As minhas dificuldades foram muitas como iniciante, uma vez que as conchas não são encontra-

Our next adventure was a dive close to a II World War wreck. Thanks to a bread roll we felt like St. Francis of Assisi feeding the fish. The dive master did not allow anybody to take anything. He said he was enforcing a recent law. But a doubtful law it is, for everywhere in the island tasteless shell handiwork is sold. In this same dive we saw a magnificent live Pinna carnea attached to a twisted and rusted iron bar from the wrecked ship.

Diving in the same site at night we saw an amazing number of lobsters. Our dive master, who was Indonesian, prohibited us of taking anything away from the spot. But he was a first-rate professional: he showed us all the attractions there were to be seen; he dared touch moray eels; he pointed to a sleeping



Ricardo Guerrine
Coletando em Aruba
(Shelling in Aruba)
(Foto/Photo: Gracy Guerrine)

das expostas. Achemos Thais deltoidea e algumas Fissurellas, porém o que mais nos chamou atenção foram os verdadeiros tapetes de Brachidontes modiolus.

Ainda no mesmo dia, em um magnífico mergulho, visitamos um navio naufragado durante a Segunda Guerra, ocasião em que, com um pedaço de pão nos sentimos como São Francisco entre uma imensidão de peixes. Nosso instrutor não permitia qualquer espécie de coleta, conforme previa a legislação recente. Legislação esta, aliás, bastante duvidosa, pois, por toda a ilha, vendem-se peças de artesanato de extremo mau gosto. Ainda nesse mesmo mergulho, tivemos a oportunidade de ver uma magnífica Pinna carnea fixada na ponta de um ferro retorcido pertencente ao navio afundado.

A noite, mergulhamos novamente no mesmo local. Deparamo-nos então com um número impressionante de lagostas. O instrutor, que era indonêsio, revelou-se um excelente profissional. Mostrou-nos todas as atrações a serem vistas: tocou em moréias; apontou-nos um peixe papagaio, que dormia envolto numa cortina protetora de muco e que nós mesmos pudemos tocar; mostrou-nos camarões-palhaço e muitas outras curiosidades. Foi um ótimo mergulho. Apesar do fato de permanecermos na água quase uma hora sem roupa de neoprene, não sentimos nenhum frio.

A recepção do hotel aconselhou-nos a visitarmos a Baby Lagoon. Alugamos um carro e rumamos para o sul da ilha para mais uma aventura. A lagoa era calma e rasa: tinha apenas dois metros de profundidade. Em seu fundo arenoso encontramos um exemplar de Oliva reticularis. Após uma decepção conquiliológica inicial, nos dirigimos até umas rochas que serviam de abrigo à lagoa. Lá encontramos uma Nerita bastante grande. Ao retirá-la das pedras escorregadias, percebi que se tratava de uma Nerita peloronta linda, intacta e com um opérculo inigualável. Uma, duas, três... O local estava "infestado" de neritas dessa espécie. Foi uma experiência emocionante. Como se sabe, uma concha coletada pessoalmente tem um sabor todo especial!

Ainda no mesmo local vi um Chiton vivo pela primeira vez na minha vida. Como estava aderido a uma pedra de quase duzentos quilos, cheguei a pensar em dinamitá-la, mas fui impedido por minhas convicções ecológicas, que não me permitem destruir o meio ambiente. Dentre os mais de cinquenta exemplares que vi, após algumas manobras desastradas, agravadas pela falta de experiência e uma faca, logrei capturar apenas dois exemplares: duas Acanthopleura granulata.

Após estas descobertas, deparamos com dois mergulhadores no mar aberto, o que nos encorajou a explorarmos para além da lagoa...

(continua no próximo número)

parrot fish, curtained by mucous, and which we actually touched; he showed us clown shrimps, etc. The water temperature contributed to make it a perfect dive. We remained in water for an hour, no wearing wet suits, yet we did not feel cold at all.

The hotel lobby personnel advised us to go to the "baby lagoon". Having rented a car, we set out for the southern tip of Aruba for another snorkeling exploration.

The lagoon is calm and shallow. Its maximum depth is 2 m. We found a small Oliva reticularis in the sandy bottom. At first, we were conchologically disappointed. Afterwards we went to a spot where some rocks had been piled up to protect the lagoon. There I found a big Nerita. As I carefully removed it from the slippery rocks I realized it was a gorgeous Nerita peloronta, beautiful, gem, and with a splendid operculum. I found one, two, three... as a matter of fact, that spot swarmed with Nerita peloronta. It was an exciting experience. Indeed, personally collected shells have a special flavor.

Still in the same place I noticed a Chiton - I was very excited because I had never seen a live one before. It was strongly attached to a 200 kg rock which I considered breaking up with dynamite. But my ecological beliefs of never doing anything that may affect or destroy the environment prevented me from taking any harsh measures. After some unsuccessful maneuvers (I had neither a knife nor previous experience) at last I captured two out of the more than 50 Chitons abounding around us. They were Acanthopleura granulata.

After these discoveries we saw two snorkelers outside the lagoon in the open sea. This sight encouraged us to adventure out of the lagoon.

(to be continued in the next issue of Siratus)

Ricardo Guerrine, 30 anos
Rua Alves Guimarães, 385 apto. 62
05410 - São Paulo, SP - Brasil
Médico radiologista ligado à Universidade de São Paulo. Membro da Conquiliologistas do Brasil e da Sociedade Brasileira de Malacologia. is a radiology doctor at the Universidade de São Paulo. He is member of Conquiliologistas do Brasil and Sociedade Brasileira de Malacologia.

Shells • Coral • Jewelry • Gifts



THE SHELL STORE

440 - 75th Avenue
St. Petersburg Beach, FL 33706
Between Blind Pass Road
and Gulf Boulevard
Phone 360-0586

ROBERT LIPE
BETTY LIPE

FILATELIA

Renato Moscatelli

Siratus tenuivaricosus (Dautzenberg, 1927)

- Sin.: Murex calcar Kiener, 1843;
Chicoreus carioca E. H. Vokes, 1968.
 NP.: Não temos informações.
 T.: 70 mm.
 Oc.: Brasil (do estado da Bahia até Santa Catarina).
 Obs.: Moderadamente comum; endêmico do Brasil, é encontrado entre 15 e 30 m. de profundidade; semelhante ao Siratus senegalensis (Gmelin, 1790), mas com espinhos longos e curvos, e uma trama escultural mais acentuada; alimenta-se principalmente de Pecten ziczac (Linnaeus, 1758) (vieira), de Anomalocardia brasiliana (Gmelin, 1791) (vongole) e, mais raramente, de Chione cancellata (Linnaeus, 1767) além de outros bivalves.
 TM.: Não temos informações.
 Selo: Brasil, 1977 - Yv 1267 - Sc 1515 A 823
 M 1606 - P 12; valor: Cr\$ 1,30.
 A concha está invertida no selo. (A variação sinistra, até hoje só conhecida neste selo, foi devido à inversão do filme durante o processo de impressão).

- Sin. - Sinônimo
 NP. - Nome Popular
 T. - Tamanho
 Oc. - Ocorrência
 Obs. - Observação
 TM. - Tamanho Máximo
 Yv. - Yvert
 Sc. - Scott
 M. - Michel



PHILATELY

Siratus tenuivaricosus (Dautzenberg, 1927)

- Syn.: Murex calcar Kiener, 1843
Chicoreus carioca E. H. Vokes, 1968
 PN.: Thin-bladed Murex.
 Sz.: 70 mm (2.76in.)
 Rg.: Brazil (from Bahia to Santa Catarina states)
 Note: Moderately common; endemic to Brazil, it is found from 15 to 30 m. (49.21 to 98.42 ft) below sea level; similar to Siratus senegalensis (Gmelin, 1870) (Senegal Murex), but with long and curved spines, and more extensive webbing; feeds mainly on Pecten ziczac (Linnaeus, 1758) (Zigzag Scallop), Anomalocardia brasiliana (Gmelin, 1791) (West Indian Pointed Venus) and other bivalves.
 RS.: No information available.
 St.: Brazil, 1977 - Yv 1267 - Sc 1515 A 823 - M 1606 - P 12; value: Cr\$ 1,30. The shell is reversed on the stamp. (The sinister variation, until now only known in this postage stamp, resulted from film inversion during the printing process).

- Syn. - Synonym
 PN. - Popular name
 Sz. - Size
 Rg. - Range
 RS. - Record size
 St. - Stamp
 Yv. - Yvert
 Sc. - Scott
 M. - Michel

Renato Moscatelli, 63 anos
 Rua Gracindo de Sã, 39
 01443 - São Paulo, SP - Brasil
 Além de industrial, é autor dos livros "Conchas Marinhas nos Selos" e "A Superfamília Strombacea no Atlântico Ocidental". Atualmente está preparando novo livro sobre conchas nos selos. E, ainda, um dos idealizadores da Conquiliologistas do Brasil.
 besides being an entrepreneur, he has written the books Conchas Marinhas nos Selos and The Superfamily Strombacea from the Western Atlantic. Presently he is preparing a new book about shells in postage stamps. Also he is one of the conceivers of Conquiliologists do Brasil.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA
 (MAILING ADDRESS):
 c/ Editor
 Rua Miguel Telles Jr., 53
 01540 - São Paulo, SP.
 Brasil.